



Revisão Integrativa dos Indicadores Não Financeiros Resultantes da Inovação Social nas Cadeias Produtivas

Margarete Luisa Arbuseri Menegotto, Maria Emilia Camargo,
Antonio Jorge Fernandes, Maria Elisabeth Pereira

RESUMO

Na literatura não há um consenso sobre a definição de inovação social, suas dimensões e relações causais. O desenvolvimento de indicadores torna-se complexo pois a atividade de pesquisa empírica confronta conceitos que diferem paradoxalmente das métricas. O presente trabalho contribui para discussão oferecendo uma revisão integrativa sobre indicadores não financeiros aplicados para cadeias produtivas com o objetivo de medir as atividades de inovação social, a nível dos elos da mesma. O método usado na pesquisa foi a revisão integrativa nos periódicos bases de dados *Web of Science e Crossref*, no período de junho de 2017 a junho de 2018. Como principais achados nota-se que os modelos analisados promovem o nível organizacional como o nível apropriado para medir as atividades de inovação social. Apesar destes limites, este trabalho contribui para o campo da mensuração da inovação social em três áreas: (a) Modelar um sistema (b) oferecer um mapeamento de competências organizacionais e (c) com base nesse mapeamento, o modelo contribui para a Concepção de incentivos específicos para o desenvolvimento de competências organizacionais para a promoção de inovações sociais. Observou-se a necessidade de testar conceitual e empiricamente o modelo em diferentes ambientes socioeconômicos para estabilizar um monitor de inovação social.

Palavras-chave: Revisão integrativa. Inovação Social. Indicadores não-financeiros. Modelos de Medição Inovação Social. Indicadores para cadeias produtivas.

1 INTRODUÇÃO

O cenário que se estabeleceu a partir das décadas de 1980 e 1990, que impactou no aperfeiçoamento dos processos e na busca pela qualidade através da melhoria contínua, também trouxe reflexões sobre os sistemas de medição e avaliação de desempenho (MENEGOTTO, 2015).

Milost (2013) destaca que a primeira vantagem do uso de indicadores não-financeiros para avaliação de desempenho é de que eles explicam ou tentam explicar certas relações ou situações que não são evidenciadas nas demonstrações financeiras. A segunda vantagem apontada pelo autor é de que estes indicadores revelam a dificuldade da contabilidade tradicional em adaptar-se aos desafios e mudanças nas quais as organizações estão inseridas.

Segundo Elena (2012), as vantagens da utilização dos indicadores não-financeiros devem-se ao fato de atuarem como mecanismos de controle ou de incentivo, auxiliam a tradução da estratégia da organização, facilitam a relação com a arquitetura organizacional, auxiliam na medição dos resultados da inovação social e podem reduzir o conflito de interesses entre diretores e acionistas. Na ausência de consenso sobre a definição de inovação social, suas dimensões e relações causais, o desenvolvimento de indicadores se torna uma complexa atividade de pesquisa empírica que confronta conceitos que diferem paradoxalmente das métricas (UNCETA et al, 2016).

O presente trabalho contribui para essa discussão oferecendo uma revisão do modelo conceitual de indicadores não financeiros com o objetivo de medir as atividades de inovação social a nível de cadeias produtivas.

O artigo discute o conceito de inovação social como uma intervenção epistêmica que



tenta explicar a relação entre problemas sociais, inovação social e capacidade de absorção do conhecimento em nível organizacional. Após apresenta-se um modelo exploratório e suas dimensões para o desenvolvimento de indicadores de inovação social a nível cadeias produtivas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para dar sentido à crise global e a uma possível transição, muitos reinterpretem o passado como um conjunto de sucessivos ciclos de desenvolvimento de longo prazo que poderiam se repetir no futuro. Ao mesmo tempo, pressões ambientais resultaram na noção de economia verde. Argumenta-se que a atual crise econômica mundial marca simultaneamente o fim do ciclo de desenvolvimento de longo prazo pós-Segunda Guerra Mundial, o ponto médio da era da informação e, potencialmente, o início de uma nova era de desenvolvimento sustentável (SWILLING, 2013).

Para tanto as organizações, as cadeias produtivas, repensam a forma de inovar, bem como buscam interagir, co-criar com todos os elos da cadeia produtiva principal, bem como a auxiliar. As inovações perspassam das tecnológicas e direcionam-se para as inovações sociais.(MENEGOTTO, 2015).

Conceituamos inovações sociais como novas práticas sociais, compreendendo novas idéias, modelos, regras, relações sociais e / ou serviços. Ao fazer isso, seguimos Franz et al. (2012: 4) que argumentam que o “Característica decisiva da inovação social” está no “fato de que as pessoas fazem as coisas de maneira diferente esta inovação, sozinha ou em conjunto.

O que muda com a inovação social é a prática social, o caminho como as pessoas decidem, agem e se comportam, sozinhas ou juntas”(Franz et al. 2012: 5, cf. Howaldt & Kopp 2012). Essas práticas sociais em mudança incluem a mudança de papéis, relações, normas e valores.

Howaldt & Kopp (2012: 47) definem inovação social como “uma nova combinação e / ou nova configuração de práticas sociais em determinadas áreas de ação ou contextos sociais solicitados por certos atores ou constelações de atores de maneira intencional e direcionada com o objetivo de satisfazer ou responder melhor às necessidades e aos problemas do que é possível com base no práticas (AVELINO, WITTMAYER, HAXELTINE, KEMP, O'RIORDAN,, WEAVER, LOORBACH, . E ROTMANS ,2014”).

O Livro Aberto de Inovações Sociais (Murray et al. 2010), em que conjuntos de idéias e objetivos que impulsionam e motiva a inovação social são caracterizadas como "generativas". As mudanças podem ser consideradas como co-evolução com novos "paradigmas" em, por exemplo, a economia.

A inovação social é uma abordagem inovadora para o exame de novos problemas sociais que emergiram nas sociedades contemporâneas (COMISSÃO EUROPEIA, 2010). Essa imprecisão e flexibilidade têm consequências ao definir um sistema de indicadores que permita refletir e explicar fenômenos empíricos ligados à inovação social (CASTRO-SPILA E UNCETA, 2015)

Isso também se relaciona para o papel de "movimentos sociais" e "contra-movimentos" (WORTH 2013). Um (contra) movimento social, como o movimento ambientalista ou o movimento antiglobalização, pode ser experimentado como " mudança" que co-evoluem com o desenvolvimento de um novo paradigma de como a sociedade lida com o meio ambiente ou como a sociedade se aproxima dos processos de globalização.

Esses movimentos sociais “lutam contra os interesses culturais e institucionais pré-existentes, e as estruturas de significado e poder que elas transmitem”(DAVIES 2002: 25), que “modificam crenças e símbolos existentes e sua ressonância vem de seu apelo aos valores e



expectativas que as pessoas já possuem”.

2.1 INOVAÇÕES SOCIAIS

As inovações sociais foram definidas como a terceira maneira de resolver as falhas do mercado ou do Estado ou ambos integrar os grupos sociais em certas dinâmicas consideradas como padrões de bem-estar social (COMISSÃO EUROPEIA 2010).

Quando os mecanismos de integração e bem-estar falham, existem situações que são problematizadas como demandas sociais insatisfeitas (COMISSÃO EUROPEIA, 2010).

Este problema particular é capaz de mobilizar em muitos casos um conjunto de recursos (criativos, financeiros, organizacionais, tecnológicos, políticos e culturais) estruturados como inovações sociais. Deste ponto de vista, as inovações sociais são consideradas como novos produtos, processos e métodos que, de forma criativa e sustentável, oferecem uma solução melhor para uma ou várias demandas sociais (WESTLEY, ANTANDZE . 2010) . Desta forma, as inovações sociais implicam mudanças nas práticas sociais de um sistema social particular (COMISSÃO EUROPEIA, 2012).

2.2 CAPACIDADE DE ABSORÇÃO

A capacidade absorção do conhecimento é um conceito relacional que define as habilidades das organizações para identificar, assimilar, transformar e explorar o conhecimento externo com base no conhecimento interno acumulado (COHEN E LEVINTHAL, 1990). A capacidade de absorção expressa um conjunto de habilidades e capacidades organizacionais relacionadas ao desenvolvimento de inovações (COOK , BROWN 1999).

O conceito de capacidade de absorção está relacionado a uma perspectiva epistêmica de inovação social segundo a qual o processo de inovação é o resultado de um processo complexo de codificação do conhecimento (COHENDET, MEYER-KRAHMER, 2001).

É um processo recursivo, conforme Cohen e Levinthal (1990) de conhecimento baseado no conhecimento acumulado. Como um processo recursivo e acumulativo, a codificação do conhecimento não está separado das suas condições de codificação, isto é dizer que é um processo social, temporário e espacialmente localizado (Ancori, Bureth e Cohendet 2000), portanto, expressa um caminho de aprendizagem único e dificilmente imitativo, ou seja, uma inovação.

Os problemas sociais são complexos e difíceis de resolver e expressam necessidades sociais insatisfeitas. Uma necessidade social insatisfeita deve ser estruturada em uma demanda social para ter status de problema social, isto é, um processo pelo qual uma operação epistêmico-política é gerada em que um problema social é apresentado como uma "hipótese causal".

A hipótese causal procura elucidar e especificar a principal causa de um problema e, portanto, suas opções de solução. É um processo epistêmico (argumentos, evidências, dados, etc.) que tenta explicar (causalmente) a dinâmica de um processo socialmente problemático e as variáveis associadas a ele. A hipótese causal opera por redução (simplificação) identificando as principais causas que geram ou tornam o problema social a fim de torná-lo gerenciável. Por outro lado, é um processo político (opção ideológica para as soluções preferenciais) cujo processo é estruturado em torno do desenvolvimento de diferentes tipos de parcerias (governança: cooperação social e participação) sustentadas por uma combinação de recursos (criativo, financeiro, político e organizacional ...) para criar uma solução sustentável (parcial ou total).

A partir deste ponto de vista, Castro-Spila e Unceta (2015), abordam o conceito de capacidade absorção do conhecimento fornece uma compreensão do processo pelo qual uma



organização identifica um problema social (causas, efeitos, etc.), o assimila (de acordo com seu padrão de conhecimento interno), explora soluções (protótipos, produtos, serviços e métodos) e os implementa ou os explora (projetos, governança e avaliação de impacto de inovação). Portanto, a análise de como as organizações desenvolvem inovações sociais (eles codificam as práticas sociais) sempre sugere um nível de capacidade de absorção de conhecimento que atua sobre os problemas sociais como uma intervenção epistêmico-política em que as demandas sociais (problemas coletivos) e suas possíveis soluções (inovações sociais) são formalizadas.

2.3 MEDINDO A INOVAÇÃO SOCIAL

A formulação de políticas públicas está cada vez mais preocupada com os problemas sociais e suas consequências. Neste contexto, há uma demanda para medir e avaliar os processos de inovação social de forma comparável que não só permite uma compreensão da dinâmica da mudança social e suas soluções, mas também para o suporte de tomada de decisão informada baseada na governança social (participação cívica) (Comissão Europeia, 2013).

Apesar desta forte demanda das instituições de elaboração de políticas, o desenvolvimento de indicadores de inovação ainda é uma tarefa pendente. Isso ocorre porque ainda não existe um amplo consenso sobre o que é a inovação social, que são seus fatores determinantes, que são as metodologias mais adequadas para medir e avaliar a inovação social e quais métricas usar para esse propósito.

Apesar dessas limitações, existem algumas sugestões e experiências de medição que são oferecidas pelas diferentes abordagens e perspectivas sobre inovação social, a saber: a abordagem individualista, a abordagem organizacional e a abordagem regional / nacional (COMISSÃO EUROPEIA, 2013).

2.3.1 A ABORDAGEM INDIVIDUALISTA

Na literatura, autores entendem o empreendedorismo social como uma dimensão da inovação social (ALVORD, BROWN E LETTS ,2003; MACLEAN, HARVEY E GORDON ,2013). Neste sentido, estudos favorecem o desenvolvimento de indicadores de inovação social associados à avaliação de características, motivações e contextos em que os empreendedores sociais desenvolvem suas atividades. Esses trabalhos se concentram tanto em estudos de caso quanto em análises comparativas a nível internacional com base no Global Entrepreneurship Monitor (BLOOM E SMITH,2010; LEPOUTRE et al. 2013).

2.3.2 A ABORDAGEM ORGANIZACIONAL

Diferente da visão individualista, esta abordagem favorece as organizações como campo de compreensão e avaliação de inovações sociais (COMISSÃO EUROPEIA, 2012). Neste contexto, destacam-se estudos sobre hibridização e inovação social (estruturas híbridas entre empresas e setor público), que destacam o surgimento e governança de novos modelos de negócios voltados para interesses e propósitos sociais (GROHS, 2014; PESTOFF, 2015).

Dentro da abordagem organizacional, estudos, que destacam o desenvolvimento das capacidades organizacionais para a inovação social, também desenvolvem um modelo baseado na capacidade de absorção das organizações. O modelo proposto por SINNERGIK (2013) oferece um sistema de indicadores que permite a diferenciação entre potencialidades e capacidade concreta de inovação social em quatro tipos de organizações regionais: empresas, universidades e centros tecnológicos, explorando as características dos projetos de inovação social desenvolvidos por essas organizações e discute o resultados obtidos a nível regional e organizacional (SINNERGIK SOCIAL INNOVATION, 2013).



2.3.3 A ABORDAGEM REGIONAL / NACIONAL

Há um movimento importante na inovação social promovido pelos decisores políticos europeus, que exige o desenvolvimento de indicadores de inovação social a nível macro (regional / nacional) que integrem dados de diferentes fontes estatísticas europeias para obter um conjunto de indicadores comparáveis e agradáveis (KRLEV, BUND E MILDENBERGER, 2014). Nessa linha, o Projeto Europeu TEPSIE (Fundamentos Teóricos, Políticos e Políticos para a Construção da Inovação Social na Europa) desenvolveu um modelo integrado para medir a inovação social. O modelo especifica três níveis de medição: (a) condições de estrutura; (b) Atividade empreendedora; (c) Resultado e saída específicos do campo; e discute os resultados obtidos com a medição da inovação social (KRLEV, BUND E MILDENBERGER, 2014).

2.4 LIMITES E OPÇÕES

A abordagem individualista (empreendedores sociais / inovadores sociais) é insuficiente para explicar a dinâmica da inovação social, considerando que a complexidade dos problemas sociais exige a participação ativa de uma multiplicidade de atores (organizações e administrações públicas) para o desenvolvimento das inovações sociais (Cajaiba -Santaña 2014).

A abordagem regional / nacional baseada em indicadores macro e comparáveis apenas mede o que "pode" medir, mas não mede o que "deve" medir. Isso se deve ao fato de que os indicadores macro são o resultado de pesquisas e coleta de informações que não se referem à inovação social. Os indicadores construídos de forma semelhante podem fornecer uma abordagem genérica às condições de contexto em que as inovações sociais ocorrem, mas não medem as próprias inovações sociais.

A abordagem organizacional está localizada entre a abordagem individualista e a abordagem regional / nacional. As organizações são estruturas intermediárias entre indivíduos e seus contextos (LAM, 2000). São estruturas sociais (CAJAIBA-SANTANA 2014) e redes de recursos e conhecimento (HANSEN, MORS E BJØRN 2005).

A inovação é um processo interativo e multidisciplinar e que envolve a colaboração de uma crescente rede de stakeholders (OCDE, 2010), não se delimitando dentro uma única organização, mas desenvolvida dentre diversos setores. Para Pol e Ville (2009), uma das características marcantes de nossa sociedade é a busca incessante pela criação, adoção e difusão de inovações, sejam elas inovações nos negócios, artísticas ou sociais (MENEGOTTO, 2015).

Mulgan et al. (2007) delinea algumas fases pelas quais passam inovações sociais em uma perspectiva macro. Observa-se que a iniciativa para uma inovação social nasce de demandas sociais (EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012), e que o esforço para a junção dos atores é muito mais acirrado em virtude do maior número de componentes e da complexidade de formar e organizar a rede (JULIANI et al., 2014). Por seu lado, Rollin e Vicent (2007) acrescentam as capacidades necessárias dos atores envolvidos e o resultado do processo de inovação social.

No modelo de Rollin e Vicent (2007) observa-se que, ao final do processo, poderá resultar em novos valores, novas competências ou novos conhecimentos, ou todos, dependendo do nível de aproximação e profundidade dos atores.

A seção a seguir apresenta uma descrição do modelo adaptado de Rollin e Vicent (2007) de medida da inovação social sob a premissa de que o nível organizacional é o apropriado para medir a inovação social, suas condições, seu impacto e sua governança.

Assim, no ciclo de inovação social, as seguintes capacidades são ativadas: (a) Aquisição de conhecimento externo, isto é, capacidades para identificar e interpretar os problemas sociais de monitorar a dinâmica social e acessar uma diversidade de fontes de idéias



e conhecimento; (b) desenvolvimento de inovações sociais, isto é, capacidades para combinar e implementar conhecimentos no desenvolvimento de novos produtos, processos ou métodos voltados para a solução de problemas e a inclusão social; (c) interpretação do impacto da inovação social, ou seja, uma avaliação da diversidade do impacto social (impacto na população-alvo), a diversidade do impacto organizacional (aprendizagem organizacional derivada da implementação de uma inovação social) e diversidade do impacto setorial (efeitos da inovação social em vários setores como saúde, educação, etc.); (d) Governança, isto é, capacidades para o desenvolvimento inclusivo de inovações sociais. A governança expressa os mecanismos de inclusão e participação da população-alvo da inovação social (governança social), dos parceiros estratégicos (governança inter-organizacional) e da sustentabilidade das inovações sociais (governança sustentável) (CASTRO-SPILA E UNCETA, 2015).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Marconi e Lakatos (2008), todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos. De um modo geral, o método é um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões.

Desta forma o modelo destaca o conceito de intervenção epistêmica para o desenvolvimento de inovações sociais. Assim, na fronteira organizacional, as interações com o ambiente social da organização são criadas, isto é, a interpretação e a assimilação de problemas sociais para estruturá-los em uma demanda (hipótese causal) que pode ser abordada por uma inovação social (RESINDEX, 2015).

Conforme Procianoy (2013, p. 189), “chamamos de revisão sistemática a pesquisa e a avaliação crítica de resultados de trabalhos baseados em evidência. Esta revisão emprega um protocolo específico para determinar os estudos que farão parte da mesma (faz-se uma análise qualitativa)”. Já para Nogueira (2015), os artigos de revisão são trabalhos publicados pelos maiores especialistas de uma determinada área, que buscam avaliar, criteriosamente, o conjunto de pesquisas produzidas e sua separação.

Para Procianoy (2013, p. 189), “o objetivo da metanálise é integrar os resultados de estudos individuais (considerados passíveis de serem combinados) para fornecer uma estimativa de resultado [...]” e que “por sua característica, a metanálise permite diminuir custos e tempo na realização de pesquisas adicionais, bem como buscar uma melhor evidência diante dos estudos com resultados contraditórios ou não conclusivos (estudos com amostras pequenas)”.

Botelho, Cunha e Macedo (2011) classificam os artigos de revisão em quatro tipos: revisão sistemática, metanálise, revisão qualitativa e revisão integrativa.

Neste estudo utilizou-se a revisão integrativa, onde, conforme Botelho, Cunha e Macedo (2011) busca-se um sumário da literatura, num conceito específico, numa área de conteúdo, em que a pesquisa é sumariada (resumida), analisada e as conclusões totais são extraídas.

Botelho, Cunha e Macedo (2011), propõem um protocolo para o desenvolvimento de artigo de revisão integrativa de seis etapas: 1. Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; 2. Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; 3. Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; 4. Categorização dos estudos selecionados; 5. Análise e interpretação dos resultados; e 6. Apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Procedeu-se neste estudo conforme as etapas propostas por Botelho, Cunha e Macedo (2011), onde foram transpostos os principais achados no referencial teórico que servirá de



subsídio para a próxima etapa deste estudo.

No âmbito do estudo, utilizou-se a seguinte definição operacional de inovação social: "Aplicação prática de idéias para o desenvolvimento de produtos, processos, métodos e / ou serviços novos e melhorados, para a resolução de problemas sociais estruturados como demandas sociais insatisfeitas nas áreas de educação, saúde, emprego, cultura, meio ambiente e / ou serviços sociais "(SINNERGIAK Social Innovation 2013).

A unidade de análise do estudo são as cadeias produtivas. A unidade de informação para reunir dados sobre a indicadores não financeiros para medição da inovação social foi por meio da pesquisa por projetos de inovação social realizados entre 2000 a 2015.

Nesta pesquisa, a revisão integrativa, teve-se o propósito de Revisar métodos, teorias, e/ou estudos empíricos sobre um tópico particular, indicadores não financeiros por meio da inovação social. Para tanto utilizou-se as palavras chave: inovação social, indicadores de inovação social, medição de inovação social, variáveis de indicadores de inovação social e estudos sobre medição da inovação social, medição dos indicadores não financeiros por meio da inovação social. A pesquisa foi realizada no período de junho de 2017 a junho de 2018, utilizando-se as bases de dados *Web of Science e Crossref*.

Ressalta-se a distância importante entre o potencial e capacidade realizada para a inovação social, tanto a nível regional como no caso de todos os agentes. Esta distância sugere que há muito espaço para o desenvolvimento de inovações sociais nos atores das cadeias produtivas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A inovação social é um quase conceito e não há acordos sobre a sua definição, dimensões, efeitos e relações causais que explicam os processos e os impactos da inovação social (Comissão Europeia 2010). A falta de um quadro comum tem consequências para o desenvolvimento de indicadores. Os indicadores não são números, mas conceitos e um sistema de indicadores é, por definição, um sistema conceitual.

Observou-se que o conceito de inovação social tem uma conotação como uma intervenção epistêmica. Deste ponto de vista, o conceito de capacidade de absorção do conhecimento é apropriado para explicar e medir a inovação social como um processo de interpretação, assimilação, combinação e exploração do conhecimento aplicado à criação de novos produtos, processos, métodos ou serviços para atender demandas sociais insatisfeitas.

Finalmente, o modelo conceitua a inovação social em quatro dimensões principais: aquisição de conhecimento (exploração), desenvolvimento de inovações (exploração), avaliação de impacto (avaliação) e governança de inovação social (participação e cooperação).

Os modelos analisados promovem o nível organizacional como o nível apropriado para medir as atividades de inovação social. A abordagem individualista (empreendedores sociais) é insuficiente para explorar a variedade de atores da inovação social. Por sua vez, a construção de indicadores de fontes secundárias também é inadequada, uma vez que esses modelos e indicadores medem o que podem e não o que devem medir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa precisa de um maior aprofundamento com base em análises comparativas em vários contextos sociais e territoriais, a fim de medir a sensibilidade de fatores e dimensões a mudanças de contextos.

Apesar destes limites, este trabalho contribui para o campo da mensuração da inovação social em três áreas: (a) Modelar um sistema de indicadores de inovação social com base em um conceito estabelecido na literatura acadêmica e institucional, como o conceito de capacidade



de absorção, (b) oferece um mapeamento de competências organizacionais para a inovação social, pois permite observar a importância de cada fator por tipo de organização e para cada organização pesquisada, (c) com base nesse mapeamento, o modelo contribui para a Concepção de incentivos específicos para o desenvolvimento de competências organizacionais para a promoção de inovações sociais.

Observou-se da necessidade de testar conceitual e empiricamente o modelo em diferentes ambientes socioeconômicos (cidades e regiões) para estabilizar um monitor de inovação social.

REFERÊNCIAS

- ANCORI, B. , A. BURETH E P. COHENDET. " A economia do conhecimento: o debate sobre a codificação e o conhecimento tácito". *Mudança industrial e corporativa* 9 (2): 255 - 287 .2000. doi: 10.1093 / icc / 9.2.255
- ALVORD, SH , LD BROWN E C. LETTS . " Empreendedorismo social e transformação social: um estudo exploratório ". *O Journal of Applied Behavioral Science* 40 (3): 260 – 282. 2003. doi: 10.1177 / 0021886304266847
- AVELINO, F., WITTMAYER, J., HAXELTINE, A., KEMP, R., O'RIORDAN, T., Weaver, P., Loorbach, D. e Rotmans, J. *Game Changers e Transformative Social Innovation. O Caso da Crise Econômica e a Nova Economia*, 1-24.2014.
- BLOOM, PN E BR SMITH . " Identificando os Drivers do Impacto Empresarial Social: Desenvolvimento Teórico e um Teste Empírico Exploratório de Scalers ". *Journal of Social Entrepreneurship* 1 (1): 126 - 145 2010. doi: 10.1080 / 19420670903458042.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. de A.; MACEDO, M. O método da revisão integrati-va nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, maio-ago. 2011. DOI: 10.21171/ges.v5i11.1220.
- CAJAIBA-SANTANA, G. " Inovação social: mover o campo para a frente ". Um quadro conceitual. *Previsão Tecnológica e Mudanças Sociais* 82: 42 – 51.2014.. doi: 10.1016 / j.techfore.2013.05.008
- CASTRO-SPILA, J. E A. UNCETA . . " Modes d'innovation sociale et gouvernance ". Na *Transformation Sociale par L'innovation Social* , editado por JL Klein , 91 - 102. 2015.Quebec: CRISES
- COOK, SDN E JS BROWN . " Bridging Epistemologies: The Generative Dance entre o conhecimento organizacional e o conhecimento organizacional ". *Organização Science* 10 (4): 381 - 400 . 1999. doi: 10.1287 / orsc.10.4.381.
- COHEN, WM E D. LEVINTHAL . " Capacidade de absorção: uma nova perspectiva sobre aprendizado e inovação ". *Ciência administrativa trimestral* 35 (1): 128 - 152 . 1990. doi: 10.2307 / 2393553.
- COHENDET, P. E F. MEYER-KRAHMER . " As implicações teóricas e políticas da codificação do conhecimento ". *Política de pesquisa*30 (9): 1563 – 1591.2001 . doi: 10.1016 / S0048-7333 (01) 00168-8
- COHEN, WM E D. LEVINTHAL . " Capacidade de absorção: uma nova perspectiva sobre aprendizado e inovação ". *Ciência administrativa trimestral* 35 (1): 128 - 152 . 1990. doi: 10.2307 / 2393553.
- COMISSÃO EUROPEIA. "Fortalecimento da inovação social na Europa. Jornada para



avaliação e métricas efetivas. 2012.[Versão eletrônica].

"[Http://ec.europa.eu/enterprise/policies/innovation/files/social-innovation/strengthening-social-innovation_en.pdf](http://ec.europa.eu/enterprise/policies/innovation/files/social-innovation/strengthening-social-innovation_en.pdf).

COMISSÃO EUROPEIA. . " Guia de inovação social. Política Regional / Urbana / Emprego, Assuntos Sociais e Inclusão. 2013. [Versão eletrônica].

"[Http://ec.europa.eu/regional_policy/sources/docgener/presenta/social_innovation/social_innovation_2013.pdf](http://ec.europa.eu/regional_policy/sources/docgener/presenta/social_innovation/social_innovation_2013.pdf).

DAVIES, J.E. Stories of Change. Narrative and Social Movements. State University of New York Press, Albany.2002.

EDWARDS-SCHACHTER, E.; MATTI, C. E.; ALCÁNTARA, E. Fostering Quality of Life through Social Innovation: A Living Lab Methodology Study Case. Review of Policy Research, v. 29, n. 6, p. 672-692, Nov. 2012. ISSN 1541-1338.

FRANZ, H. W., HOCHGERNER, J., & HOWALDT, J. Challenge Social Innovation: Potentials for Business, Social Entrepreneurship, Welfare and Civil Society. Springer. 2012.

GEELS, F.W. , The impact of the financial–economic crisis on sustainability transitions: Financial investment, governance and public discourse, Environmental Innovation and Societal Transitions, 6:67-95.2013.

GROHS, S. . " Organizações híbridas na prestação de serviços sociais em Quasimarkets: The Case of Germany . " American Behavioral Scientist 58 (11): 1425 - 1445 . 2014. doi: 10.1177 / 0002764214534671

HANSEN, MT , ML MORS E L. BJØRN . 2005 . " Compartilhamento de conhecimento em organizações: redes múltiplas, fases múltiplas ". Academy of Management Journal 48 (5): 776 - 793 . Doi: 10.5465 / AMJ.2005.18803922

HAXELTINE, A., AVELINO, F., WITTMAYER, J., KEMP, R., WEAVER, P., BACKHAUS, J. AND O'RIORDAN, T. (2013) "Transformative Social Innovation: A Sustainability Transitions Perspective on Social Innovation", paper presented at NESTA Conference Social Frontiers: The Next Edge of Social Science Research, 14-15 November 2013, London UK. Available at:

HOWALDT, J. AND KOPP, R. (2012). Shaping Social Innovation by Social Research , chapter in: Hans-Werner Franz, Josef Hochgerner, and Jürgen Howaldt, Challenge Social Innovation: Potentials for Business, Social Entrepreneurship, Welfare and Civil Society. Springer: Berlin/Heidelberg: 43-56.

HUDSON, R. (2014) Does illegality enable or undermine the sustainability of the globalising economy? Draft paper prepared as a chapter for an edited collection.

JULIANI, D. P. Framework da cultura organizacional nas universidades para a inovação social. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Tese (Doutorado) Disponível em: <http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2015/05/Douglas-Paulesky-Juliani.pdf>

KRLEV, G. , E. BUND E G.MILDENBERGER . 2014 . " Medindo o que importa - Indicadores de Inovação Social ao nível nacional ". Gestão de Sistemas de Informação 31 (3): 200 - 224 . doi: 10.1080 / 10580530.2014.923265.

LAM, A. 2000 . " Conhecimento Tácito, Aprendizagem Organizacional e Instituições Sociais: um Quadro Integrado ". Estudos de Organização 21 (3): 487 - 513 . doi: 10.1177 /



0170840600213001

LEPOUTRE, J. , R. JUSTO , S. TERJESEN E N. BOSMA . 2013 . “ Projetando um Metodologia Padronizada Global para medição Empreendedorismo Social Atividade: The Global Entrepreneurship Monitor Estudo Empreendedorismo Social .” *Small Business Economics* 40 (3): 693 - 714. doi: 10.1007 / s11187-011-9398-4.

MACLEAN, M. , C. HARVEY E J. GORDON. 2013 . " Inovação Social, Empreendedorismo Social e Prática da Filantropia Empresarial Contemporânea ". *International Small Business Journal* 31 (7): 747 - 763 . doi: 10.1177 / 0266242612443376.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2008.

MENEGOTTO, M.L.A. Relação das capacidades dinâmicas, inovação social e o desempenho organizacional na cadeia vitivinícola da região da serra gaúcha. 2015. Tese de Doutorado - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul.

MILOST, F. (2013). Information power of non-financial performance measures. *International Journal Bioelectromagnetism*, 4(6), 823-828.

MULGAN, G. et al. social innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated. Oxford Saïd Business School. Oxford. 2007.

MURPHY, J. (2011) Capitalism and Transparency, *Critical Perspectives on International Business*, 7, 125-141

MURRAY, R., CAULIER-GRICE, J. & MULGAN, G. (2010) *The Open Book of Social Innovation*, The Young Foundation, London: NESTA.

NOGUEIRA, S. Ciência Proibida: As experiências científicas mais perigosas, assustadoras e cruéis já realizadas. São Paulo: Abril, 2015

OCDE. Organisation for Economic Co-operation and Development. 2010. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>.

POL, E.; VILLE, S. Social innovation: buzz word or enduring term? *Journal of Socio-Economics*, v. 38, n. 6, p. 878-885, 2009.

PESTOFF, V. 2015 . " Hybridity, Coproduction e Serviços Sociais do Terceiro Setor na Europa ". *American Behavioral Scientist* 58 (11): 1412 - 1424 . doi: 10.1177 / 0002764214534670.

PROCIANOY, E. Metanálise. In: ALVES, M. R. (Org.). *Metodologia científica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica: Guanabara, 2013.

RESINDEX. Regional Social Innovation Index: a Regional Index to Measure Social Innovation. Regional Social Innovation Index. BRUSSELS. 2015. Disponível em <<http://www.eesc.europa.eu/>>.

RIDDELL, D.J. AND WESTLEY, F. (2013) “Mutual Reinforcement Dynamics and Sustainability Transitions: Civil Society’s Role in Influencing Canadian Forest Sector Transition”, Paper presented at the 4th International Conference on Sustainability Transitions, Zurich,

RIFKIN, J. (2014) *The Zero Marginal Cost Society: The Internet of Things, The Collaborative Commons, and the Eclipse of Capitalism*, Palgrave Macmillan.

ROLLIN, J.; VINCENT, V. Acteurs et processus d’innovation sociale au Québec. Réseau québécois en innovation sociale (RQIS). Québec. 2007. (2-7628-2766-3).



SINNERGIAK Inovação Social. 2013 . Índice Regional de Inovação Social. Um Índice Regional para Medir a Inovação Social .Bilbao: Agência Basca de Inovação

SOARES, S.; PICOLLI, I. AZEVEDO,R.; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Bibliométrica, Artigo de Revisão e Ensaio Teórico em Administração e Contabilidade. Administração: Ensino e Pesquisa, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 308-339, maio 2018. ISSN 2358-0917. Disponível em: <<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/970>>. Acesso em: 24 out. 2018. doi:<https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n2.970>.

SWITZERLAND, June 19 - 21, 2013, special session on “Social Innovation and Systemic Change”, Paper nr. 193

SWILLING, M. Economic crisis: long waves and the sustainability transition: an African perspective Environ. Innov. Soc. Trans., 6 (2013), pp. 96-115

UNCETA, A., CASTRO-SPILA,J. e FRONTI, G. Indicadores de inovação social. Inovação: o European Journal of Social Science Research . Volume 29, 2016 - Edição 2

UNIÃO EUROPÉIA. 2012 . "Financiamento do impacto social Financiamento da inovação social na Europa - Mapeando o caminho para a frente [Versão eletrônica]"http://ec.europa.eu/enterprise/policies/innovation/files/funding-social-innovation_en.pdf.

VAN DEN BERGH, J. C.J.M. (2013) Economic-financial crisis and sustainability transition: Introduction to the special issue, Environmental Innovation and Societal Transitions, 6:1-8

WEAVER, P. M. (2014) The informal, collaborative and ‘zero marginal-cost’ economies, Policy Brief, GLOBIS Project, Brussels Workshop, May, 2014.

WESTLEY, F. E N. ANTANDZE . 2010 . " Fazendo a diferença: estratégias para escalar a inovação social para um maior impacto ". The Innovation Journal: The Public Sector Innovation Journal 15 (2): 1 – 19.

WORTH, O. (2013). "Polanyi's Magnum Opus? Assessing the Application of the Counter-Movement in International Political Economy." The International History Review 35, no. 4 (2013): 905-920.